

O Livro de Urântia

<< [Documento 137](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 139](#) >>

Documento 138

A Formação Dos Mensageiros do Reino

138:0.1 (1538.1) DEPOIS de pregar o sermão sobre “O Reino”, Jesus reuniu os seis apóstolos naquela tarde e começou a expor os seus planos para visitar as cidades em volta do mar da Galiléia. Os seus irmãos, Tiago e Judá, ficaram bastante sentidos por não terem sido chamados para essa reunião. Até esse momento eles consideravam-se como fazendo parte do círculo interno de apóstolos de Jesus. Contudo, Jesus planejava não ter parentes próximos como membros desse corpo de diretores apostólicos do Reino. A não-inclusão de Tiago e Judá entre os poucos escolhidos, junto com a sua indiferença aparente para com a sua mãe, desde a experiência de Caná, foi o ponto de partida para um abismo sempre crescente entre Jesus e a sua família. Essa situação continuou durante toda a sua ministração pública — eles quase que o rejeitaram — e essas diferenças não foram completamente aparadas até após a sua morte e ressurreição. A sua mãe constantemente oscilava entre as atitudes de uma fé e de uma

esperança flutuantes, e as de emoções crescentes de desapontamento, humilhação e desespero. Apenas Rute, a mais jovem, permaneceu indefectivelmente leal ao seu pai-irmão.

138:0.2 (1538.2) Até depois da ressurreição, toda a família de Jesus tinha pouquíssimo a ver com a sua ministração. Se um profeta pode ter honrarias, mas não na sua própria terra, a ele são dados valor e apreciação, mas não na sua própria família.

1. As Instruções Finais

138:1.1 (1538.3) No domingo seguinte, 23 de junho do ano 26 d.C., Jesus deu as suas instruções finais aos seis. Ordenou-lhes que partissem, dois a dois, para anunciar as boas-novas do Reino. Proibiu-os de batizar e desaconselhou-os quanto a fazer pregações públicas. Explicou a eles que mais tarde ele iria permitir-lhes que fizessem pregações públicas, mas que, por um certo tempo, por muitas e boas razões, desejava que eles adquirissem experiência prática em lidar pessoalmente com os seus semelhantes. Jesus propunha fazer dessa primeira viagem um *trabalho* inteiramente *pessoal*. E, embora esse anúncio tenha levado os apóstolos ao desapontamento, eles ainda aceitaram, ao menos em parte, as razões de Jesus para começar daquele modo a proclamação do Reino e, então, assim, de bom ânimo e com um entusiasmo confiante. Eles deram início aos trabalhos. E Jesus os enviou dois a dois, Tiago e João foram para

Queres, André e Pedro para Cafarnaum enquanto Filipe e Natanael partiram para Táriquéia.

138:1.2 (1538.4) Antes que começassem essas duas primeiras semanas de serviço, Jesus anunciou-lhes que desejava ordenar doze apóstolos para continuar o trabalho do Reino, depois da sua partida; e autorizou a cada um deles escolher um homem, dentre as suas primeiras conversões, para que passasse a ser membro desse corpo projetado de apóstolos. João perguntou: “Mas, Mestre, esses seis homens virão para o nosso meio e compartilharão todas as coisas igualmente conosco, que estamos contigo desde o Jordão ouvindo todos os teus ensinamentos em preparação para este que é o nosso primeiro trabalho para o Reino?” E Jesus respondeu: “Sim, João, os homens que ireis escolher tornar-se-ão um conosco e vós ensinareis a eles tudo aquilo que seja pertinente ao Reino, do mesmo modo que eu vos ensinei”. Depois de ter dito isso, Jesus deixou-os.

138:1.3 (1539.1) Os seis não se separaram para ir e fazer os seus trabalhos, até que houvessem trocado muitas palavras e discutido as instruções de Jesus, com o intuito de que cada um deles escolhesse um novo apóstolo. O conselho de André prevaleceu afinal e eles partiram para os seus trabalhos. Em essência, eis o que André disse: “O Mestre está certo, somos em número muito pequeno para assumirmos esse trabalho. Há necessidade de mais instrutores e o Mestre manifestou grande confiança em nós, por nos ter confiado a escolha desses seis novos apóstolos”. Naquela manhã, quando se separaram a fim de seguir para o trabalho, havia um pouco de depressão escondida em cada coração. Eles sabiam que iriam sentir

falta de Jesus e, além do medo e da timidez, não era daquele modo que tinham imaginado a inauguração do Reino do céu.

138:1.4 (1539.2) Havia sido arranjado para que os seis trabalhassem por duas semanas, depois das quais retornariam à casa de Zebedeu para uma reunião. Nesse ínterim, Jesus foi até Nazaré para estar com José e Simão e os outros membros da sua família, que viviam naquela vizinhança. Jesus fez tudo o que lhe foi humanamente possível, em consonância com a sua consagração à vontade do seu Pai, para manter a confiança e o afeto da sua família. E cumpriu bem o seu dever nessa questão, e fez mesmo até mais.

138:1.5 (1539.3) Enquanto os apóstolos estavam fora, para essa missão, Jesus pensou muito sobre João, agora na prisão. Era uma grande tentação usar o seu poder potencial para libertá-lo, mas uma vez mais ele resignou-se a “aguardar a vontade do Pai”.

2. Escolhendo os Seis

138:2.1 (1539.4) Essa primeira viagem missionária dos seis foi, sobretudo, cheia de êxito. Todos eles descobriram o grande valor do contato direto e pessoal com os homens. E voltaram para Jesus com um conhecimento mais pleno de que, afinal, a religião é pura e inteiramente uma questão de *experiência pessoal*. Eles começaram a sentir quão sedenta estava a gente comum de ouvir palavras de conforto religioso e de encorajamento espiritual. Quando se reuniram com Jesus, eles queriam falar todos ao mesmo tempo; mas

André tomou a frente e os chamou um a um; e eles fizeram os seus relatos formais ao Mestre e apresentaram as suas indicações dos seis novos apóstolos.

138:2.2 (1539.5) Jesus, depois que cada homem havia apresentado a sua escolha dos novos apóstolos, pediu a todos os outros que votassem na indicação; assim todos os seis novos apóstolos foram formalmente aceitos por todos os seis mais antigos. E então Jesus anunciou que eles todos deveriam estar com os candidatos e convidá-los para o serviço.

138:2.3 (1539.6) Os apóstolos recém-selecionados eram:

138:2.4 (1539.7) 1. *Mateus Levi*, coletor alfandegário de Cafarnaum, que tinha o seu escritório no lado leste da cidade, perto das fronteiras de Batanea. Foi escolhido por André.

138:2.5 (1539.8) 2. *Tomé Dídimos*, um pescador de Tariqueia e ex-carpinteiro e pedreiro de Gadara. Foi selecionado por Filipe.

138:2.6 (1539.9) 3. *Tiago Alfeus*, pescador e agricultor de Queresá. Foi escolhido por Tiago Zebedeu.

138:2.7 (1539.10) 4. *Judas Alfeus*, irmão gêmeo de Tiago Alfeus, também pescador. Foi escolhido por João Zebedeu.

138:2.8 (1540.1) 5. *Simão, o zelote*, era um alto funcionário da patriótica organização dos zelotes, posição que ele abandonou para juntar-se aos apóstolos de Jesus. Antes de ligar-se aos zelotes, Simão havia sido um mercador. Foi escolhido por Pedro.

138:2.9 (1540.2) 6. *Judas Iscariotes* era o filho único de pais judeus ricos que viviam em Jericó. Tornou-se um seguidor de João Batista, e os seus pais saduceus o haviam deserdado. Estava procurando emprego

naquelas regiões, quando o encontraram os apóstolos de Jesus, sobretudo por causa da sua experiência com as finanças, Natanael convidou-o para juntar-se às suas fileiras. Judas Iscariotes era o único judeu entre os doze apóstolos.

138:2.10 (1540.3) Jesus passou um dia inteiro com os seis, respondendo às suas perguntas e escutando os detalhes do que havia para contar, pois muitas experiências interessantes e úteis eles tinham para relatar. Agora viam a sabedoria do plano do Mestre, de enviá-los para trabalhar de um modo calmo e pessoal, antes de mandá-los para esforços públicos mais ambiciosos.

3. O Chamado de Mateus e Simão

138:3.1 (1540.4) No dia seguinte, Jesus e os seis foram chamar Mateus, o coletor aduaneiro. Mateus estava esperando por eles; tendo já feito o balancete nos seus livros, estava pronto para entregar os assuntos do seu escritório ao irmão. Quando aproximaram da casa aduaneira, André adiantou-se com Jesus, que, olhando no rosto de Mateus, disse: “Segue-me”. Então ele levantou-se e foi para a sua casa com Jesus e os apóstolos.

138:3.2 (1540.5) Mateus contou a Jesus sobre o banquete que havia arranjado para aquela noite e que desejava pelo menos dar aquele jantar à sua família e amigos, caso Jesus aprovasse e consentisse em ser o hóspede de honra. E Jesus consentiu movimentando a cabeça.

Pedro então, com Mateus, se separou deles, e explicou que tinha convidado um tal Simão para juntar-se aos apóstolos e assegurou o consentimento de que Simão fosse também incluído nesta festa.

138:3.3 (1540.6) Depois de um almoço ao meio-dia, na casa de Mateus, foram todos com Pedro chamar Simão zelote, a quem encontraram no seu antigo local de trabalho, agora conduzido pelo seu sobrinho. Quando Pedro levou Jesus até Simão, o Mestre saudou o ardente patriota e apenas disse: “Segue-me”.

138:3.4 (1540.7) E todos voltaram à casa de Mateus, onde conversaram muito sobre política e religião até a hora do jantar. A família Levi dedicava-se, há muito, aos negócios e à coleta de taxas; e por isso muitos dos convidados de Mateus para esse banquete poderiam ser chamados de “publicanos e pecadores” pelos fariseus.

138:3.5 (1540.8) Naqueles dias, quando uma recepção com banquete era dada a um indivíduo proeminente, o costume era que todas as pessoas envolvidas ficassem no salão e observassem os convivas durante a refeição e escutassem as conversas e os discursos dos homens aos quais se prestava honra. Desse modo, a maior parte dos fariseus de Cafarnaum estava presente a essa ocasião para observar a conduta de Jesus nesta inusitada reunião social.

138:3.6 (1540.9) À medida que o jantar progredia, a alegria dos convivas ia transbordando; e todos estavam gostando tão esplendidamente de tudo, que os fariseus, observando tudo ali, começaram, nos seus corações, a criticar Jesus pela sua participação em um acontecimento tão frívolo e comezinho. Mais tarde, naquela noite, quando estavam

fazendo os discursos, um dos fariseus mais maledicentes foi tão longe a ponto de criticar, junto a Pedro, a conduta de Jesus, dizendo: “Como ousas dizer que este homem é reto, quando ele come com publicanos e pecadores emprestando, desse modo, a sua presença a tais cenas descuidadas de entrega ao prazer”. Pedro sussurrou esse comentário crítico para Jesus antes que ele desse a bênção aos que estavam reunidos. Quando Jesus começou a falar, disse: “Ao vir aqui, nesta noite, para dar boas-vindas a Mateus e Simão à nossa fraternidade, fico contente de testemunhar a vossa alegria em um ânimo social tão bom; porém, devíeis rejubilar-vos ainda mais porque muitos de vós entrareis no Reino vindouro do espírito, no qual ireis desfrutar mais abundantemente das boas coisas do Reino do céu. E para vós, que estais criticando a mim, dentro dos vossos corações, por eu ter vindo aqui compartilhar da alegria destes amigos, devo dizer-lhes que eu vim para proclamar a alegria àqueles que são socialmente oprimidos e a liberdade espiritual aos que estão moralmente prisioneiros. É necessário que eu vos lembre de que, mais do que os sãos, os doentes é que precisam de um médico? Eu vim, não para chamar os retos, mas os pecadores”.

138:3.7 (1541.1) E essa era verdadeiramente uma coisa estranha ao ambiente judeu: ver um homem de caráter reto e de sentimentos nobres misturando-se livre e alegremente com a gente comum, e ainda mais com tantos publicanos e pecadores reconhecidamente pouco religiosos e em busca de prazeres. Simão zelote quis fazer um discurso nessa reunião, na casa de Mateus, mas André, sabendo que Jesus não queria o Reino vindouro confundido com o movimento

dos zelotes, convenceu-o a refrear-se de fazer quaisquer comentários públicos.

138:3.8 (1541.2) Jesus e os apóstolos, naquela noite, permaneceram na casa de Mateus e, quando todos se foram para as suas casas, eles não falaram senão de uma coisa: da bondade e da cordialidade de Jesus.

4. O Chamado dos Gêmeos

138:4.1 (1541.3) Na manhã seguinte todos do grupo dos nove dirigiram-se de barco a Queresa, para executar o chamado formal dos dois próximos apóstolos, Tiago e Judas, os dois filhos gêmeos de Alfeus, indicados por Tiago e João Zebedeu. Os dois pescadores gêmeos contavam com a vinda de Jesus e dos seus apóstolos e já estavam esperando por eles na praia. Tiago Zebedeu apresentou o Mestre aos pescadores de Queresa, e Jesus, olhando para eles, acenou dizendo: “Segui-me”.

138:4.2 (1541.4) Naquela tarde que passaram juntos, Jesus os instruiu plenamente sobre como deviam proceder em reuniões festivas, e concluiu as suas observações dizendo: “Todos os homens são meus irmãos. O meu Pai nos céus não despreza nenhum ser criado por nós. O Reino do céu está aberto para todos os homens e mulheres. Nenhum homem pode fechar a porta da misericórdia na cara de nenhuma alma faminta que procure entrada. Nós nos assentaremos e comeremos com todos aqueles que desejem escutar sobre o Reino.

Aos olhos do nosso Pai, que nos contempla de cima, todos são iguais. Não recuseis repartir o vosso pão com o fariseu ou com o pecador, com o saduceu ou o publicano, romano ou judeu, rico ou pobre, livre ou escravo. A porta do Reino está bem aberta para todos que desejarem saber a verdade e encontrar Deus”.

138:4.3 (1541.5) Naquela noite em uma ceia simples na casa de Alfeus, os dois gêmeos eram recebidos na família apostólica. Mais tarde naquela noite, Jesus deu aos seus apóstolos a sua primeira lição, que tratava da origem, natureza e destino dos espíritos impuros, mas eles não compreenderam a importância daquilo que lhes havia sido dito. Achavam muito fácil compreender, amar e admirar Jesus, mas difícil, por demais, era compreender muitos dos seus ensinamentos.

138:4.4 (1542.1) Depois de uma noite de descanso, todo o grupo, agora em número de onze, foi de barco até Tariquéia.

5. O Chamado de Tomé e Judas

138:5.1 (1542.2) Tomé, o pescador, e Judas, o errante, encontraram-se com Jesus e os apóstolos no barco de pesca que atracou em Tariquéia, e Tomé os conduziu à sua casa perto dali. Filipe agora apresentava Tomé como o seu indicado para o apostolado e Natanael apresentava Judas Iscariotes, o judeu, com as mesmas honras. Jesus olhou para Tomé e disse: “Tomé, tu tens pouca fé; entretanto, eu te recebo. Segue-me”. Para Judas Iscariotes o Mestre disse: “Judas,

somos todos da mesma carne e do mesmo modo que o recebo em nosso meio, eu oro para que sejas sempre leal aos teus irmãos galileus. Segue-me”.

138:5.2 (1542.3) Depois de haverem descansado, Jesus saiu com os doze para orar com eles e para instruí-los sobre a natureza e o trabalho do Espírito Santo, mas de novo de nenhum modo eles compreenderam o significado daquelas verdades maravilhosas que ele tentava ensinar-lhes. Um compreenderia um ponto e o outro compreenderia outro ponto, nenhum deles, porém, pôde captar o seu ensinamento como um todo. Eles sempre cometeriam o erro de tentar enquadrar o novo evangelho de Jesus dentro das suas velhas formas de crenças religiosas. Não conseguiam captar a idéia de que Jesus tinha vindo para proclamar um novo evangelho de salvação e para estabelecer um novo caminho de encontrar Deus; eles não percebiam que ele *era* uma nova revelação do Pai dos céus.

138:5.3 (1542.4) No dia seguinte Jesus deixou os seus doze apóstolos a sós; queria que eles se conhecessem uns aos outros e desejava que ficassem a sós para conversarem sobre o que ele lhes havia ensinado. O Mestre voltou para a refeição da tarde e, depois do jantar, ele falou-lhes sobre as ministrações dos serafins, e alguns dos apóstolos compreenderam o seu ensinamento. Descansaram por uma noite e partiram de barco para Cafarnaum no dia seguinte.

138:5.4 (1542.5) Zebedeu e Salomé tinham ido morar com o filho Davi e, desse modo, toda a sua grande casa podia ficar à disposição de Jesus e dos seus doze apóstolos. E, ali, Jesus passou um sábado tranquilo com os seus mensageiros escolhidos; cuidadosamente traçou os

planos para proclamar o Reino e explicou integralmente a importância de evitar quaisquer conflitos com as autoridades civis, dizendo: “Se os governantes civis tiverem de ser censurados, deixai comigo essa tarefa. Cuidai de não fazer nenhuma denúncia contra César ou os seus servidores”. Foi nessa mesma noite que Judas Iscariotes chamou Jesus à parte para perguntar por que nada estava sendo feito para tirar João da prisão. E Judas não ficara totalmente satisfeito com a atitude de Jesus.

6. A Semana de Lições Intensivas

138:6.1 (1542.6) A semana seguinte foi dedicada a um programa de aperfeiçoamento intenso. Cada dia os seis novos apóstolos eram colocados nas mãos dos seus respectivos recrutadores para uma cuidadosa recapitulação de tudo o que tinham aprendido e experimentado como preparação para o trabalho do Reino. Os apóstolos mais antigos recapitularam cuidadosamente, para benefício dos seis mais recentes, os ensinamentos de Jesus, dados até aquele momento. Às tardes eles sempre se reuniam no jardim de Zebedeu para receber as instruções de Jesus.

138:6.2 (1542.7) Foi nessa mesma época que Jesus estabeleceu um dia, no meio da semana, para descanso e diversão. E eles seguiram esse plano de descanso de um dia por semana durante o resto da vida material do seu Mestre. Como regra geral, às quartas-feiras eles nunca se dedicavam às suas atividades regulares. Nesse feriado da

semana, Jesus normalmente separava-se deles dizendo: “Meus filhos, ide divertir-vos por um dia. Descansai os corpos dos trabalhos árduos do Reino e gozai do arrefecimento que advém da volta às vossas antigas vocações ou da descoberta de novas espécies de atividades recreativas”. Ainda que Jesus, nesse período da sua vida terrena, na verdade não necessitasse desse dia de descanso, ele adaptou-se a esse plano porque sabia que era o melhor para os seus seguidores humanos. Jesus era quem ensinava — o Mestre — ; os seus companheiros eram os seus alunos — os discípulos.

138:6.3 (1543.1) Jesus esforçou-se para esclarecer, aos seus apóstolos, a diferença entre os seus ensinamentos e a sua *vida junto com eles*, e os ensinamentos que pudessem advir posteriormente *sobre* ele. Disse Jesus: “O meu Reino e o evangelho relacionado a ele deverão ser o conteúdo da vossa mensagem. Não vos deixeis desviar por pregações *sobre* mim e *sobre* os meus ensinamentos. Proclamai o evangelho do Reino e retratai a minha revelação do Pai dos céus, mas não vos deixeis ser extraviados pelas vias da criação de lendas e de construção de cultos de crenças e de ensinamentos *sobre* as minhas crenças e ensinamentos”. No entanto, novamente eles não compreenderam por que ele dissera isso, e nenhum deles ousou perguntar por que ele lhes ensinava sobre isso.

138:6.4 (1543.2) Nesses ensinamentos iniciais Jesus tentou evitar controvérsias com os seus apóstolos, tanto quanto possível, exceto naqueles casos que envolviam conceitos errôneos do seu Pai nos céus. Para todas essas questões, ele nunca hesitou em corrigir as crenças errôneas. Havia apenas *um* motivo, na vida pós-batismal de

Jesus em Urântia, e esse era a revelação do seu Pai do Paraíso, uma revelação mais verdadeira e melhor; ele era o pioneiro do caminho novo e melhor até Deus, o caminho da fé e do amor. A sua exortação aos apóstolos era sempre: “Ide procurar os pecadores; encontrai os afligidos e confortai os ansiosos”.

138:6.5 (1543.3) Jesus tinha uma perfeita compreensão da situação; ele possuía um poder ilimitado, que poderia ter sido utilizado para ajudar e adiantar a sua missão; no entanto, ele estava totalmente satisfeito com os meios e as personalidades, os quais a maior parte das pessoas teria considerado inadequados e que teriam encarado como sendo insignificantes. Ele estava empenhado em uma missão de possibilidades dramáticas enormes, mas insistiu em dedicar-se aos assuntos do seu Pai do modo mais tranqüilo e pouco dramático; evitou cuidadosamente qualquer exibição de poder. E agora ele planejava trabalhar de modo pouco ruidoso, ao menos por vários meses, com os seus doze apóstolos, nas cercanias do mar da Galiléia.

7. Uma Nova Desilusão

138:7.1 (1543.4) Jesus havia planejado uma campanha missionária tranqüila de cinco meses de trabalho pessoal. Contudo, não disse aos apóstolos o quanto aquilo ia durar; eles trabalharam de semana a semana. E muito cedo nesse primeiro dia da semana, exatamente quando ia anunciar isso aos seus doze apóstolos, Simão Pedro, Tiago Zebedeu e Judas Iscariotes vieram para ter uma conversa particular

com ele. Levando Jesus para um lado, Pedro ousou dizer-lhe: “Mestre, viemos a pedido dos nossos companheiros no intuito de perguntar se o momento agora não está maduro para entrar no Reino. E se tu irás proclamar o Reino em Cafarnaum, ou se vamos prosseguir até Jerusalém? E quando saberemos, cada um de nós, as posições que iremos ocupar junto contigo no estabelecimento do Reino?” — e Pedro teria continuado a fazer mais perguntas, mas Jesus levantou a mão em um gesto de admoestação e o refreou. E fazendo um aceno aos outros apóstolos que se acercavam deles, Jesus disse: “Meus filhinhos, até quando deverei ser indulgente convosco! Já não esclareci que o meu Reino não é deste mundo? Quantas vezes já lhes disse que não vim para assentar-me no trono de Davi, e então por que é que me estais inquirindo sobre qual o lugar de cada um de vós no Reino do Pai? Não podeis perceber que eu vos chamei como embaixadores de um Reino espiritual? Não compreendeis que logo, muito em breve mesmo, vós ireis representar-me no mundo e na proclamação do Reino, do mesmo modo como eu represento meu Pai que está nos céus? Será possível que eu vos tenha escolhido e que vos tenha instruído como mensageiros do Reino, e vós ainda não compreendeis a natureza e o significado deste Reino vindouro, de predominância divina nos corações dos homens? Meus amigos, escutai-me uma vez mais. Eliminaí das vossas mentes essa idéia de que o meu Reino é um governo de poder ou um reino de glória. De fato, todo poder nos céus e na Terra será, dentro em pouco, entregue às minhas mãos, mas não é da vontade do Pai que usemos esse dom divino para glorificar a nós próprios durante esta idade. Numa outra idade vós ireis de fato

assentar-vos comigo no poder e na glória, mas cabe-nos agora submetermo-nos à vontade do Pai e continuarmos, em humilde obediência, executando o Seu mandado na Terra”.

138:7.2 (1544.1) Uma vez mais os seus discípulos ficaram chocados, estupefatos. Jesus mandou que fossem orar, dois a dois, pedindo a eles que voltassem até ele ao meio-dia. Nessa manhã crucial, cada um deles procurou encontrar Deus, e cada um esforçou-se para animar e fortalecer o outro; e retornaram a Jesus como ele lhes havia pedido.

138:7.3 (1544.2) Jesus rememorou com eles, nesse momento, a vinda de João, o batismo no Jordão, a festa de casamento em Caná, a escolha recente dos seis e a separação, pela qual passaram, dos próprios irmãos na carne; e então os preveniu de que o inimigo do Reino iria também tentar separá-los. Depois dessa conversa curta, mas sincera, os apóstolos levantaram-se, sob a liderança de Pedro, para declarar a sua devoção imperecível ao seu Mestre e para prometer, como Tomé se expressou, a sua lealdade inarredável ao Reino: “A este Reino vindouro; não importando o que seja; e ainda que eu não o compreenda inteiramente”. Todos eles realmente *acreditavam em Jesus*, embora não entendessem completamente os seus ensinamentos.

138:7.4 (1544.3) Agora Jesus perguntava a eles quanto dinheiro tinham consigo; e também perguntou quanto às provisões que tinham dado às suas famílias. Quando ficou claro que eles não tinham fundos suficientes para manterem-se por duas semanas, ele disse: “Não é da vontade do meu Pai que comecemos o nosso trabalho desse modo.

Permaneceremos aqui perto do mar e pescaremos por duas semanas ou faremos o que as nossas mãos encontrarem para fazer; e nesse ínterim, sob a liderança de André, o primeiro apóstolo escolhido, vós ireis organizar-vos de modo a prover de tudo o que seja necessário ao vosso futuro trabalho, não apenas para o ministério pessoal presente mas, também, para quando posteriormente eu vos mandar na pregação do evangelho e na instrução dos crentes”. Eles ficaram cheios de ânimo com essas palavras; essa era a primeira sugestão clara e positiva que tinham, de que Jesus projetava mais tarde efetuar esforços públicos mais ambiciosos e ativos.

138:7.5 (1544.4) Os apóstolos passaram o restante do dia aperfeiçoando a sua organização e completando os arranjos dos barcos e redes, para embarcar na manhã seguinte com o intuito de pescar, pois todos haviam decidido devotar-se à pescaria; a maioria deles havia sido pescador, e até mesmo Jesus era um barqueiro e pescador experiente. Muitos dos barcos que eles usariam nos próximos anos haviam sido feitos com as próprias mãos de Jesus. E eram barcos bons e confiáveis.

138:7.6 (1544.5) Jesus mandou que eles se devotassem a pescar por duas semanas, acrescentando: “E depois avançareis, tornando-vos pescadores de homens”. Eles pescavam em três grupos; a cada noite Jesus saía com um grupo diferente. Como eles desfrutavam da companhia de Jesus! Ele era um bom pescador, um companheiro alegre e um amigo inspirador; quanto mais trabalhavam com ele, tanto mais o amavam. Certo dia Mateus disse: “Quanto mais tu

compreendes algumas pessoas, menos as admiras, mas com este homem, quanto menos eu o compreendo, tanto mais eu o amo”.

138:7.7 (1545.1) Esse plano de pescar e sair, por duas semanas, para o trabalho pessoal em nome do Reino prolongou-se por mais de cinco meses, até o fim desse ano 26 d.C., quando cessaram aquelas perseguições especiais que tinham sido dirigidas contra os discípulos de João depois do seu encarceramento.

8. O Primeiro Trabalho dos Doze

138:8.1 (1545.2) Depois de vender o fruto da pesca de duas semanas, Judas Iscariotes, que foi o escolhido para atuar como tesoureiro dos doze, dividiu os fundos apostólicos em seis partes iguais, depois de tirados os fundos para as famílias dependentes. E então, perto do meio de agosto, no ano 26 d.C., eles saíram dois a dois na direção dos campos de trabalho designados por André. Nas duas primeiras semanas Jesus esteve com André e Pedro; nas duas semanas seguintes, com Tiago e João; e assim por diante, com as outras duplas, na ordem da escolha deles. Desse modo ele era capaz de sair ao menos uma vez com cada dupla, antes de reuni-los para o começo dos trabalhos públicos deles.

138:8.2 (1545.3) Jesus ensinou-lhes a pregar o perdão dos pecados pela *fé em Deus*, sem penitência ou sacrifício; e ensinou que o Pai dos céus ama todos os seus filhos com o mesmo amor eterno. E mandou que os apóstolos se abstivessem de discutir:

138:8.3 (1545.4) 1. A obra e o aprisionamento de João Batista.

138:8.4 (1545.5) 2. A voz surgida durante o batismo. Disse Jesus: “Apenas aqueles que ouviram a voz podem referir-se a ela. Falai apenas daquilo que ouvistes de mim; não façais discurso sobre rumores”.

138:8.5 (1545.6) 3. A conversão da água em vinho em Caná. Jesus os admoestou seriamente, dizendo: “Não reveleis a nenhum homem a respeito da água e do vinho”.

138:8.6 (1545.7) E passaram momentos maravilhosos durante esses cinco ou seis meses, nos quais trabalharam como pescadores alternadamente a cada duas semanas, fazendo assim economias para sustentarem-se no campo durante as duas semanas seguintes de trabalho missionário para o Reino.

138:8.7 (1545.8) A gente comum maravilhava-se com os ensinamentos e as ministrações de Jesus e dos seus apóstolos. Os rabinos há muito haviam ensinado aos judeus que o ignorante não poderia ser pio nem virtuoso. Contudo, os apóstolos de Jesus eram tanto devotos quanto retos; e eram ainda alegremente ignorantes de muitos dos ensinamentos dos rabinos e da sabedoria do mundo.

138:8.8 (1545.9) Jesus deixou evidente, para os seus apóstolos, a diferença entre o arrependimento por meio das chamadas obras boas, como ensinado pelos judeus, e a mudança que a fé causava na mente — o novo nascimento — , que ele exigia como preço para a admissão no Reino. Ele ensinou aos seus apóstolos que a *fé* é a única coisa necessária para se entrar no Reino do Pai. João havia ensinado a eles “o arrependimento — para escapar da ira que virá”. Jesus

ensinava: “A fé como sendo a porta aberta para a entrada no amor presente, perfeito e eterno de Deus”. Jesus não falava como um profeta, como um que vem para declarar a palavra de Deus. Ele parecia falar de si próprio como alguém que tem autoridade. Jesus buscava que eles desviassem os seus pensamentos da necessidade de milagres, fazendo com que a mente deles se voltasse para a busca de uma experiência real e pessoal de satisfação e segurança, vinda do espírito de Deus que reside neles, no seu amor e na sua graça salvadora.

138:8.9 (1545.10) Os discípulos cedo aprenderam que o Mestre era possuído de um profundo respeito e de uma consideração compassiva para com *todo* ser humano que ele conhecia, e eles ficavam imensamente comovidos por essa consideração única e invariável que Jesus tinha, de modo tão consistente, para com todas as espécies de homens, mulheres e crianças. Ele parava no meio de um discurso profundo para ir até a estrada e dar alento a uma mulher que passava carregando a sua pesada carga de corpo e de alma. Ele interrompia uma conferência séria com os seus apóstolos para se confraternizar com uma criança intrometida. Nada nunca parecia tão importante para Jesus quanto o *indivíduo humano* que chegava à sua presença imediata. Ele era o Mestre e o instrutor, mas era mais — ele era também um amigo e um semelhante próximo, um camarada compreensivo.

138:8.10 (1546.1) Se bem que os ensinamentos públicos de Jesus consistissem principalmente em parábolas e discursos curtos, invariavelmente ele ensinava aos seus apóstolos por meio de

perguntas e respostas. Ele se interromperia sempre para responder a perguntas sinceras, durante os seus discursos públicos mais recentes.

138:8.11 (1546.2) Os apóstolos chocaram-se, no início, mas claramente se acostumaram ao tratamento que Jesus dava às mulheres; sempre deixando bastante claro para todos que as mulheres deviam merecer direitos iguais aos dos homens, no Reino.

9. Cinco Meses de Provas

138:9.1 (1546.3) Esse período, um tanto monótono, de pescarias alternadas com o trabalho pessoal, provou ser uma experiência estafante para os doze apóstolos, mas eles resistiram ao teste. Apesar de todos os seus queixumes, dúvidas e insatisfações passageiras, eles permaneceram fiéis aos seus votos de devoção e lealdade ao Mestre. Foi a união pessoal com Jesus, durante esses meses de testes, que fez com que eles o amassem tanto e que eles todos (salvo Judas Iscariotes) permanecessem leais e fiéis a ele, mesmo nas horas tenebrosas do seu julgamento e crucificação. Homens verdadeiros não podiam simplesmente abandonar de fato um mestre venerado que havia vivido tão perto deles e que tinha sido tão devotado a eles quanto Jesus. Durante as horas negras da morte do Mestre, nos corações desses apóstolos, toda a razão e o juízo e toda a lógica foram postos de lado, em deferência apenas a uma emoção humana extraordinária — o sentimento supremo de amizade e lealdade. Esses cinco meses de trabalho com Jesus levaram esses apóstolos, cada um

deles, a considerá-lo como o melhor *amigo* que tiveram em todo o mundo. E esse sentimento humano, não os seus magníficos ensinamentos nem os seus feitos maravilhosos, os manteve juntos até depois da ressurreição e da renovação da proclamação do evangelho do Reino.

138:9.2 (1546.4) Esses meses de trabalho tranqüilo não apenas representaram um grande teste para os apóstolos, um teste ao qual eles sobreviveram; mas o período sem atividade pública foi uma grande provação para a família de Jesus. Na época em que Jesus estava preparando-se para deslanchar o seu trabalho público, a sua família inteira (exceto Rute) havia praticamente se desertado dele. Apenas em algumas ocasiões posteriores intentaram fazer contato com Jesus, e ainda assim o fizeram para persuadi-lo a voltar para casa com eles, pois chegaram quase a acreditar que ele estava fora de si. Simplesmente não conseguiam penetrar a sua filosofia nem entender os seus ensinamentos; tudo aquilo era demais para os da sua própria carne e sangue.

138:9.3 (1546.5) Os apóstolos prosseguiram no seu trabalho pessoal em Cafarnaum, Betsaida-Júlias, Corazim, Gerasa, Hipos, Magdala, Caná, Belém da Galiléia, Jotapata, Ramá, Safé, Giscala, Gadara e Abila. Além dessas cidades, eles trabalharam em muitas aldeias, bem como pelo interior, no campo. Ao fim desse período os doze haviam elaborado planos bastante satisfatórios para cuidar das suas respectivas famílias. A maioria dos apóstolos era de casados, alguns possuíam vários filhos, mas eles tinham feito arranjos tais para o sustento daqueles que estavam nos seus lares que, com um pouco de

assistência dos fundos apostólicos, eles podiam dedicar todas as suas energias ao trabalho do Mestre, sem ter de preocupar-se com o bem-estar financeiro das suas famílias.

10. A Organização dos Doze

138:10.1 (1547.1) Inicialmente os apóstolos organizaram-se da seguinte maneira:

138:10.2 (1547.2) 1. André, o primeiro apóstolo a ser escolhido, havia sido designado como o dirigente e líder geral dos doze.

138:10.3 (1547.3) 2. Pedro, Tiago e João foram apontados como os acompanhantes pessoais de Jesus. Eles deviam assisti-lo dia e noite, ministrando quanto às suas necessidades gerais e físicas, tanto quanto o acompanhando naquelas vigílias noturnas de oração e comunhão misteriosa com o Pai nos céus.

138:10.4 (1547.4) 3. Filipe foi nomeado o intendente do grupo. Era do seu dever prover comida e cuidar para que os visitantes, e às vezes até mesmo uma multidão de ouvintes, tivessem sempre algo para comer.

138:10.5 (1547.5) 4. Natanael cuidava das necessidades das famílias dos doze. Recebia informações regulares quanto às necessidades da família de cada apóstolo e, fazendo requisições a Judas, o tesoureiro, enviaria fundos toda semana para aqueles que necessitavam.

138:10.6 (1547.6) 5. Mateus era o gestor dos recursos do corpo apostólico. O seu dever era cuidar para que o orçamento permanecesse equilibrado, e a tesouraria abastecida. Se não entrassem os fundos para a sustentação de todos eles, se não fossem recebidas doações suficientes para manter o grupo, Mateus tinha o poder de ordenar aos doze que retornassem para prover as necessidades, durante um certo tempo. Isso, entretanto, nunca se fez necessário depois que começaram o seu trabalho público; sempre havia fundos suficientes nas mãos do tesoureiro para financiar as suas atividades.

138:10.7 (1547.7) 6. Tomé era administrador do itinerário. A sua incumbência era a de arranjar alojamento e selecionar, de um modo geral, os locais das pregações e ensinamentos, assegurando com isso um programa de viagem tranqüilo e sem perdas de tempo.

138:10.8 (1547.8) 7. Tiago e Judas, os filhos gêmeos de Alfeus, estavam designados para administrar as multidões. A tarefa deles era designar um número suficiente de monitores assistentes, de modo que fosse possível manter a ordem mesmo entre as multidões durante a pregação.

138:10.9 (1547.9) 8. A Simão zelote era dado o encargo da recreação e das diversões. Ele preparava o programa das quartas-feiras e também procurava prover umas poucas horas de descanso e de diversão a cada dia.

138:10.10 (1547.10) 9. Judas Iscariotes foi apontado tesoureiro. Ele carregava a bolsa. Pagava as despesas e mantinha os livros. Fazia estimativas

de orçamentos para Mateus, semanalmente, e também elaborava os relatórios semanais para André. Judas pagava as despesas de acordo com a autorização de André.

138:10.11 (1547.11) Desse modo os doze funcionaram desde o início da sua organização até a época em que a reorganização se fez necessária com a deserção de Judas, o traidor. O Mestre e os seus discípulos-apóstolos seguiram nesse modo simples até domingo, 12 de janeiro do ano 27 d.C., quando Jesus os reuniu e formalmente os ordenou como embaixadores do Reino e pregadores das suas boas-novas. E, logo depois, estavam todos prontos e partiram para Jerusalém e para a Judéia, na primeira viagem de pregação pública.